

UM POUCO DE MÚSICA

24. ESTELINHA EPSTEIN

Celso Maria de Mello Pupo

Prefaciando o **Livro das Grandes Sinfonias**, de Upson e Borowsky, disse este último: A “edição de agora destina-se a satisfazer não apenas ao ouvinte exigente, convicto de que a última palavra em arte cabe a Honneger ou Strawinsky, mas também ao apreciador de belas melodias que se delicia com a música de Massenet, Vitor Herbert e Flotow, que vai diretamente, sem artifícios, ao seu coração.”

Ainda em prefácio, agora na “História Universal da Música”, de Kurt Pahlen, termina Eurico Nogueira França afirmando que “só subsistirá a música que, dentro da sua pureza específica, guarde, intacta, suas relações com a alma, o coração e o espírito humanos”.

Estelinha Epstein, nossa conterrânea, nasceu e viveu para a música, com alma, coração e espírito que a fizeram uma glória do Brasil. Nasceu num berço embalado pela música, desde tempos passados quando a gente de Campinas, de início, sonorizava seus encontros com os realejos, que eram pequenos órgãos portáteis que se tocavam com uma manivela movendo o cilindro alimentador dos foles de sopro nos tubos. E neles se repetiam as músicas tornadas familiares para os senhores das casas, mas originais para as visitas.

Já em 1838, foi importado o primeiro piano, conduzido de Santos a Campinas num bangüê sobre os lombos de dois burros, em penosa viagem de muitos dias; progresso que foi um seguimento do ano de 1800 quando existia em Campinas o fabrico de violas, que para nós não eram os instrumentos semelhantes e pouco maiores que o violino, como se classificam nas orquestras — mas um maior cavaquinho, filhote do violão, para os músicos espontâneos, os músicos “de ouvido” tão apreciados na música popular do século passado.

E por todo este século se desenvolveu em nossa terra o gosto musical, fazendo do seu estudo uma composição curricular de todo o ensino para a mocidade, especialmente para o elemento feminino que não dispensava o ensino da música para as moças de maior cultura, até a catástrofe da epidemia da febre amarela.

Mas no século passado Campinas se gloriou com nomes que brilharam na Europa: Carlos Gomes e Maria Monteiro, esta falecida com

apenas 27 anos de idade, não continuando, pela morte, a sua carreira iniciada com o maior brilhantismo pelos seus dotes pessoais. E já no século atual, continuou o prestígio de Campinas na Europa pela carreira do tenor José Bustamante de Camargo, atuando em permanência na Ópera de Paris.

Mas a cultura musical em Campinas, interrompida com a febre amarela, não retornou extinta a febre, prolongando-se o período de estagnação desta arte sublime, quando um grupo de moços iniciou série de manifestações artísticas e literárias, grupo que se consolidou sob o título de Monóculos e Lunetas, promovendo na cidade, por vasto tempo, reuniões de cultura em várias direções do intelecto.

O Clube Semanal de Cultura Artística, sociedade de cultura e festas, que, como Clube Semanal, nasceu, cresceu e se impôs no correr do século passado, tinha sua sede em prédio próprio, depois abandonado pela paralisação das atividades do Clube que, entretanto, não se extinguiu. Foi quando, no século atual, o intelectual de grandes serviços a Campinas, Rafael de Andrade Duarte, projetou reavivar o Clube Semanal, agora incorporando-o à Sociedade de Cultura Artística, resultando o Clube Semanal de Cultura Artística, com patrimônio do primeiro, representado pela sua casa-sede, então em abandono, mas que, com a feliz iniciativa de Rafael Duarte, se restaurou para uma nova e ativa vida social.

Foi nessa sede, então já aumentada na área do seu salão de festas que passou a dispor de um palco — que se realizou o concerto da pequena pianista de oito anos de idade, aos 12 de maio de 1922. E o triunfo da pianistinha foi completo, revelando a Campinas um novo talento que vinha mais enriquecer o número de gênios musicais campinenses.

Um crítico de alto valor pela sua cultura musical e científica, José de Campos Novais, deixou seu parecer sobre a execução da menina — que por ser ainda muito pequena para tão grande triunfo alcançado, passou a ser para toda Campinas, a Estelinha, diminutivo do seu nome, que a acompanhou por toda a vida.

E assim falou José de Campos Novais:

“Uma criança, mas uma criança genial que adivinhou a música que interpreta com uma vivacidade e graça ingênua, e uma intuição da expressão lírica surpreendente.

A velocidade de seus dedinhos e subtis na pontuação da melodia, dá relevo aos acordes que ela se esforça para acentuar mais que as suas forças permitem. Digo que isso é uma adivinhação, porque basta observar a sua notável interpretação do Prelúdio de Chopin cuja apogiatura melancólica da mão direita, sempre a mesma, torna-se monótona quando tentadas por outros que a executam sem emoção alguma. Mas esta menina

percebeu que todo o interesse está nos acordes que modulam sempre apesar de iguais, na aparência sua; aí está onde se desprende a melancolia inconsolável que apenas no fim toma forma de peroração melódica na mão direita.

Isto pode ser executado por gente grande, mas que saiba onde está o gato, na linguagem popular. É portanto uma adivinhação, porque outras meninas, mesmo bem ensinadas, não conseguem desencovar dos acordes que nada lhes diz.

Afirmo para demonstrar que o dom da expressão é inato, e que pode ser conservado encantador e ingênuo como a sua idade”.

Estava aqui uma consagração da menina Estelinha que já, de início, conquistou louros de uma “virtuose”. Seguiu sua carreira consagrada na terra em que nasceu, desmentindo o aforismo de que “santo de casa não faz milagre”.

Em 1923, com nove anos, conquistou Estelinha a capital de nosso Estado, sendo solista no concerto de Mozart para piano e orquestra, realizado no Teatro Municipal de São Paulo, para ser solista em 1924, em concerto, também de Mozart, com orquestra regida por Francisco Braga, no Rio de Janeiro. E foi com treze anos de idade que alcançou o prêmio do Pensionato Artístico do Governo do Estado de São Paulo com que seguiu para a Europa em busca de maior aperfeiçoamento com professores da França e da Alemanha, isto em 1927. Depois de estudos em Paris, transferiu-se para Berlim como discípula do famoso professor Artur Schnabel, alcançando na capital alemã, em audições públicas, aplausos entusiásticos dos ouvintes e expressivas referências das críticas que já a apontavam como em caminho de uma integral consagração. Ela mesma relatou aqui no Brasil, ter seu professor de Berlim, Schnabel, um renome universal e haver realizado audições, com felicidade; no “concreto do salão, Bechstein”, ocasião em que “todos os grandes diários e revistas especializadas tiveram adjetivos generosos” que a “desvaneceram e que só costumam empregar para celebridades mundiais”.

E não entendamos aqui o qualificativo de generoso, como desejoso de beneficiar uma artista promissora, pois tinha expressão de uma crítica justa como se pôde ler em jornais de Berlim, em variadas datas e jornais diversos:

Em 11/5/1932 – “Estelinha Epstein, no seu concerto de apresentação, demonstrou possuir vigor, charme e personalidade. É indubitavelmente um grande talento, revelando além de boa escola, disciplina pianística. Precisamos tomar nota desse nome”. Em 13/5/1932 – Estelinha Epstein, uma pianista moça ainda, brasileira, apareceu perante o nosso público causando admiração pela sua técnica formidável e temperamento vibrante. Bastavam os números de Chopin para firmar sua reputação de pianista”. A

19 de fevereiro de 1933 – “Na mesma noite Estelinha Epstein, muito moça ainda, tocou piano de uma forma tão admirável, interpretando a Sonata de Liszt com tanta musicalidade, profundidade e segurança, que empolgou o auditório”. No mesmo dia, outro jornal – “A sonata de Liszt graças a sua profunda penetração, teve um relevo notável. Foi um grande prazer ouvi-la em Chopin”. Março de 1933 – A execução do difícil estudo de Chopin provocaria inveja aos mais reputados pianistas”.

Com embarque na Europa, a 24 de fevereiro de 1933, para o Brasil onde foi recebida com o maior carinho e reconhecimento de sua atuação brilhante na Europa, teve logo, em seu país, oportunidade para realizar concertos em São Paulo e Rio de Janeiro.

Em 1938, em seu primeiro semestre, percorreu Estelinha Estados do Norte do Brasil, com execuções em várias capitais, colhendo pareceres que puderam afirmar: “Dando prestígio à música com seu requintado temperamento de virtuose, alcandora e se diviniza ao executar os mais difíceis trechos musicais. Alma feita de ritmos, revive os mestres, sofre com eles, sente-os, enfim, interpretando-os magistralmente. E que prodígios que é a sua digitação. Que poder extraordinário de prender e atrair o auditório, trazendo-o subjugado à sua técnica e ao seu apurado sentido de esteta do teclado! Scarlati, Mendelson, Gluck, Sgambatti, Beethoven, na primeira parte do seu joeirado programa, apareceram sem falhas. Chopin que encheu toda a segunda parte, teve uma intérprete feliz de seus prelúdios, mazurka, noturno e valsas, partituras essas que fizeram o encantamento da assistência, merecendo aplausos demorados. Na terceira parte, Ravel, Liadow, Aberniz, Grandos e Falla, reapareceram-nos, ora na violência de seus arroubos de poetas do som”.

“Não nos arreamos de incluir Estelinha Epstein no indículo das maiores pianistas que nos têm visitado ultimamente. Dentre as justamente conceituadas, ela se nos afigura uma das mais perfeitas. A sua técnica, a segurança de sua interpretação, a subtileza com que dedilha o teclado para tirar os sons notadamente os morrentes, tudo enfim, nos autoriza aquele julgamento que se fazia mister ressaltar, no enunciar o valor e as altas virtudes espirituais”.

De outra notícia transcrevemos: “Estelinha é, não há negar, uma verdadeira maga do teclado. Ouvia-a ontem, à noite, no palco luminoso do Teatro Amazonas. Auditório seletos a escutou, entre delirantes aplausos estrondosos e justos. Todo o coração a vibrar da mais funda emoção, ante a maestria inimitável da patrícia querida.

No mesmo ano de 1938, no segundo semestre, visitou Minas Gerais, Belo Horizonte, Juiz de Fora e outras, dirigindo-se após ao Estado do Paraná, Curitiba, e Santos no Estado de São Paulo.

Até então seus programas se caracterizavam com o seu encanto pelas músicas de Chopin, que habitualmente compunham de forma integral

a segunda parte do programa, com a primeira e terceira incluindo outros vários autores, cada um com uma composição.

Em sua visita a Santos, com o seu primeiro concerto no salão do Parque Balneário Hotel, a 17 de dezembro, sempre mostrando sua preferência por Chopin, antes do concerto teve Estelinha oportunidade de demonstrar seu carinho e atenção com todô o público que a ouvia: Na casa comercial Silva Monteiro, onde foi experimentar o piano que usaria no concerto à noite, sentou-se e executou uma sonata de Scarlati. Concluída a execução, a jovem artista olhou para os lados e constatou, entre risonha e surpreendida, que estava sendo ouvida por crescido número de pessoas, não só na calçada como pelos que, atraídos pelas notas vigorosas, entraram no citado estabelecimento que ficou literalmente tomado.

Depois vieram pedidos para que ela tocasse mais algumas composições. E Estelinha atendeu. Tocou assim três peças de autores diferentes, não lhe faltando os aplausos daquele público improvisado para o concerto também improvisado.

Em 1939 foi Campinas a premiada com uma execução na sua Rádio, a PRC9 que por meia hora deliciou a população irradiando as notas sublimes de Estelinha. Em março coube esta ventura a Poços de Caldas. Em janeiro de 1940, no dia 10, estava Estelinha tocando no Salão da Beneficência Caixeiral da Bahia, com seu programa predileto, preenchendo Chopin, sozinho, a segunda parte. Em fevereiro, com seu recital em Recife, teve o crítico baiano Prof. Pinto de Carvalho, a seguinte apreciação publicada no jornal "A Tarde": "Fraseado límpido, matizes rigorosamente delineados; técnica aprimorada, não fosse ela discípula do grande Schnabel; grande delicadeza nos pianos; firmeza nos pianíssimos; fulgurante vigor nos fortes; límpida clareza do dedilhado com velocidade vencida facilmente, sem exageros nem sacrifícios de notas; mimos nos aljofrados, especialmente chopinianos, grande flexibilidade no atacar as teclas obedientes; aí estão as qualidades mestras que vislumbrei". "Acima de tudo, porém, uma personalidade marcante, vigorosa, que lhe dá as execuções mérito superior".

Ainda em fevereiro visitou, tocando em concerto, João Pessoa. Em março tocou em Fortaleza, Ceará, no Teatro José de Alencar e no Ceará Rádio Clube PRE 9, para no dia 8 já estar em São Paulo, de volta de sua tournée, brindando a capital bandeirante com um concerto no Teatro Municipal.

Mas voltou Estelinha ao Norte, deixando supor que a gentileza dos nortistas muito a agradou. Tocou em São Luís do Maranhão e, em 17 de setembro, no Clube dos Artistas de Teresina, com recital também na preferência por Chopin, e assim apresentada pelo Prof. Moura Rego:

“O artista não se faz: nasce feito. E é verdade. A técnica, a disciplina, o método, o aperfeiçoamento das qualidades naturais, as regras da estética, adquirem-se nas escolas; mas a sensibilidade, o sentimento do belo, a expressão artística propriamente dita, são elementos pessoais, vêm do berço. A Arte está na alma. Não se obtém: aperfeiçoa-se, desenvolve-se. Cada artista traz ao nascer, os caracteres em que se funda a sua Arte. É um predestinado. Um eleito dos Deuses”.

E aí mesmo em São Luís que visitava pela segunda vez, foi saudada em soneto pelo poeta Ribamar Pereira:

“Maravilhosa ! e eu me enterneco quando
 espalhas um punhado de harmonias,
 que, tristes sendo ou cheias de alegrias,
 as ansiedades vão multiplicando.

Ouvindo-te tocar, vou procurando
 a origem emocional das fantasias,
 e as minhas penas e melancolias
 nesses instantes vão se dissipando.

Se na interpretação das partituras,
 aos meus olhos, então, te transfigurás
 para exprimir o sentimento humano,
 eu vejo em ti a helênica fiandeira
 que tece arroubos da alma brasileira
 nas vibrações dulcíssimas do piano.”

E a própria Estelinha, já em São Paulo, dá as suas observações à imprensa que publica: “Estelinha, jovem e consagrada artista paulista, que se acha entre nós já pela segunda vez, vem de terminar uma viagem artística pelo nordeste brasileiro, referiu a Folha” suas impressões do meio musical nas diversas cidades que visitou e onde deu audições: “Em Fortaleza estive duas vezes e fiquei encantada com a beleza da cidade e a bem desenvolvida e generalizada cultura musical. Toquei no Teatro José de Alencar que considero um dos melhores do Nordeste.

Em Teresina passei vinte dias, também como hóspede do governador. Encantada com a natureza. São Luís tem o atrativo das coisas antigas. Amando Gonçalves Dias e Coelho Neto não poderia deixar de gostar de São Luís”. “Suas construções coloniais são uma verdadeira maravilha.”

Se este foi um início de vida artística de uma brasileira titulada em música na Alemanha, em sua melhor escola, o mesmo ritmo, os mesmos aplausos, colheu Estelinha pelo desenrolar de sua existência artística que transcorreu no multiplicar de triunfos e no distribuir de ensinamentos, fazendo-se, na capital de São Paulo, professora emérita de

talentos musicais pois, como ela mesma dizia, não deixava perder tempo com estudos os que almejavam ser músicos sem que tivessem nascido com talento para tanto.

Seus recitais continuavam repetidos por São Paulo, Santos e Rio de Janeiro, e de seus programas já constava uma variedade grande de autores, sem esquecer do seu preferido Chopin que, entretanto, teve de ceder sua posição preferencial para dividi-la com outros grandes nomes do classissismo musical. E nestas duas grandes capitais, Estelinha cada vez mais se impunha pelo seu talento, como se comentou após seu concerto no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, sob a regência de Eleazar de Carvalho, em palavras do prefeito Henrique Dodsworth: “Sessões musicais que não podem deixar de fazer época, pianistas brasileiros de alto merecimento, capazes de competir, sem receios, nas músicas que estudaram e prepararam com os virtuosos de vulto que têm aproado a esta terra, como Brailowsky, Rubinstein, Godowski e outros de igual ou aproximado tomo. Dos nossos pode-se citar Tabacow, Lubélia Brandão, Edith Bulhões, Mário Neves, Noemi Bitencourt e, finalmente, Estelinha Epstein que foi a última a colher há bem poucos dias, os aplausos espontâneos e entusiásticos, frementes, de toda a sala concorrida, onde se encontravam verdadeiras competências, incontestáveis autoridades do piano, que no termo do recital-concerto, além de suas palmas ainda foram, a igual de muitos outros, levar suas felicitações pessoais à magnífica pianista. E de fato ainda ninguém as mereceu com mais justiça. Seu programa foi desempenhado à maravilha. Os números executados, todos, eles, não se realizavam somente pela extraordinária agilidade de dedos, clareza na vibração das notas, nos períodos melódicos ou, ainda, no sentimento expressivo que a grande artista lhes imprimia. Pianistas desse teor enobrecem os tablados em que pisam e se fazem ouvir, e, dignificando-se, enchem de venial vaidade a sua terra, o seu país”.

Todo este brilho, todo este prestígio seu e que ela dava a Campinas e ao Brasil, extravasou-se além de nossas fronteiras, não somente na Alemanha onde ela brilhou no seu período de estudos, mas por outros países da Europa, em mais de uma tournée, em cidades como Paris, Haia, Amsterdam e outras da Alemanha, França, Holanda, Espanha, recebendo aplausos com delírio; e países da América Latina, com longa tournée pelas cidades da Argentina.

Estelinha foi um talento de brilho universal. Viveu e atuou com “alma, o coração e espírito humanos”, não só no nobre mister de transmitir pessoalmente sua arte para seus ouvintes, como gravando discos e atuando em difusão de rádios, e generosamente transpondo seus conhecimentos, sua técnica, para outros talentos que desabrochavam e que desejavam seguir-lhe o destino. Deu oportunidade para que se afirmasse: “A escola de Estelinha é especial, pois que tem, da escola alemã a rigidez; a

técnica de maleabilidade, de coração, de vida, da eslava; e a espiritualidade da escola francesa. Assim também é a personalidade de Estelinha: cumpridora de suas obrigações, bondosa, simples, alegre, vivaz.”

Teve ocasião, para a imprensa que afirmava que “num total domínio da técnica pianística Estelinha começou muito cedo a dar aulas de piano, e de narrar: “Eu contava 17 anos quando ainda era aluna do grande Schnabel. Ele possuía muitos alunos e sempre me considerou um talento.”

Em 1976, se divulgou: “atualmente ela mantém dois estúdios sendo um em São Paulo, na Rua Apa nº 190, e outro em Águas de São Pedro. Em ambos Estelinha recebe, não só os seus alunos, mas também todas as pessoas que gostam de música. “Eu sempre passo 15 dias em São Paulo e 15 em Águas de São Pedro” – explica ela – “Nos dois estúdios dou aulas de piano, mas acima de tudo, adoro receber amigos e pessoas que gostam de música. Águas de São Pedro têm um ótimo clima que, ligado à paisagem, proporciona aos artistas condições sempre maiores de criar, tocar, como é o meu caso, e, principalmente descansar”.

Foi bondosa, soube distribuir as jóias do seu intelecto para novos talentos, com grandeza, com simpatia, sempre no sorriso que perfumava sua presença. Ativa e atuante dividiu seu lar e sua escola como relatou. Em São Pedro, aos 8 de julho de 1980, faleceu, deixando memória imorredoura e profunda saudade na legião de seus admiradores.

* * *